

O NACIONALISMO ABERTO DE EUCLIDES DA CUNHA

JOSÉ CARLOS GARBUGLIO

A prosa brasileira de fins do século passado chegou quase ao desaparecimento, se vista em seu conjunto. Alimentada por alguns escritores sem grande expressão e desvinculados de nossa vida, não podia ter outra sorte nem descrever outro curso. Salvo Raul Pompéia e assim mesmo numa única obra, pouco havia que merecesse atenção mais demorada. Machado de Assis é uma exceção que refoge a êsse quadro geral, um milagre para utilizar a feliz expressão de Roger Bastide. Ademais era uma prosa que se prolongava ou do Romantismo ou do Realismo-naturalismo, com remotas possibilidades de frutificar com o vigor esperado pelos espíritos mais atilados do momento. Na verdade, continuávamos ainda a elaborar obras a partir de modelos estrangeiros, de tal sorte que as "criações" se esbatiam através da roupagem puída, proveniente duma sociedade que, por não mais carecer dela, no-la cedia como trastes inúteis.

Era, pois, uma literatura de fora para dentro, numa quase inconsciência do que se passava por aqui, já que as normas de conduta traziam marcas alienígenas, conformadas segundo um espírito diferente do nosso, coisa aliás natural. Daí, um desvio de enfoque dos problemas que nos tocavam, e a substituição por fatos mais diretamente ligados à realidade européia, a "fonte dos suspiros" da cultura brasileira. De fato, da obediência aos padrões portugueses, passamos ao influxo dos modelos franceses, de que só tardiamente nos libertamos, se é que nos libertamos, com o trabalho e as conquistas da Semana de Arte Moderna, ou com as aquisições dela decorrentes.

Ora, dessa posição derivou uma natural distorção da dinâmica brasileira que se processava sem que a percebessem os escritores, afastados dos acontecimentos e por falta de convívio com a própria realidade em que se inse-

riam. Na verdade, ignorava-se tudo o que ocorria pelos interiores brasileiros até o aparecimento de Graça Aranha e Euclides da Cunha, no mesmo ano, os denunciadores de problemas sobre cuja existência ninguém ainda havia cogitado. Daí o impacto causado pela obra de Euclides da Cunha, graças à força e vigor com que apontava, no país, uma terra ignota, eivada de problemas que se desconheciam ou supunham inexistir. Quando muito, os escritores arranhavam os problemas litorâneos ou dos núcleos formados ao longo da costa. O resto era um mundo por descobrir, função que estava reservada em primeira instância àqueles dois escritores. Obrigados a conviver com essa realidade, souberam de modos diferentes e com força expressiva diferente, apontá-la ao país, como libelo incômodo a muita gente, denunciado anormalidades insuspeitadas.

Por outro lado, a literatura que se continuava a fabricar entre nós, traía sinais evidentes de fadiga, já pelo esgotamento em que se achava, já pela carência de força expressiva, em virtude da continuada repetição dos chavões, batidos e cansados, frutos ainda duma literatura extemporânea e anacrônicamente imitada.

Vivíamos ainda na linha da poesia parnasiana, predominante e nociva, pois o deslumbramento do mundo greco-latino, dividido através dum processo de retoricismo desacoroçado, empanava outras manifestações e impunha uma linguagem e uma realidade que muito distantes se encontravam de nossas aspirações e necessidades mais comuns e elementares. A persistência da poesia bilaquiana, transformada em norma, foi um desastre de que ainda sentimos os efeitos prejudiciais. Da grande aceitação dessa poesia superficial, e falsa em termos de nossa dinâmica, sobreveio o esmagamento de formas mais poderosas e originais que passaram despercebidas, como é o caso de Cruz e Sousa, de cujo valor só recentemente se teve consciência. Não fôsse a coragem de Mário de Andrade que na série de artigos denominados "Os Mestres do Passado" sepultou com solenidade os parnasianos, e talvez ainda vivêssemos aquela atmosfera.

Na prosa, o elemento dominador era Coelho Neto, cuja fecundidade não correspondeu a igual grandeza criadora, capaz de proceder a inovações na área do romance. Sua obra carece de vibração mais intensa, de adaptabilidade às exigências do momento e do meio, para acordar os sentimentos amortecidos pelo diapasão débil dos epígonos parnasianos ou realistas-naturalistas, também substituídos de expressão mais firme e profunda ou alienados do mundo brasileiro. Por isso não podiam compreender que este mundo estava atravessando momentos de definições nos campos político, social e econômico. É verdade que existem alguns exemplos isolados, mas não chegam a marcar transformações do espírito reinante a ponto de imprimir diferente orientação no quadro geral. A força e originalidade de Raul Pompéia permanecem isoladas e nele mesmo não se repetiu. De sorte que, de um modo geral, estávamos carentes duma expressão vigorosa

que intuisse as modificações existentes ou denunciasse com poder galvanizador os problemas. Na verdade, a essa literatura faltava força par exprimir as contradições violentas em que se debatia o Brasil, imperceptíveis por êsses homens seduzidos pelo mundo europeu, em tudo diferente do nosso. Voltados para êle, permaneciam alheios ao que se passava entre nós e, portanto, sem condições para expressar artisticamente o mundo que flui à sua volta com as implicâncias particularizadoras de seu *quid* intransferível. O Brasil continuava sendo para nós realidade estranha e exótica sem merecimento humano ou artístico para "conspurcar as páginas têrças" duma literatura de empréstimo.

Sômemente a sobrevivência de um fato incomum poderia acordá-los do longo sono e abrir os olhos para êsse mundo, chamando a atenção para sua existência. Por isso Canudos foi importante, e mais importante ainda por ter tido a ventura de encontrar seu historiador culto, inteligente, sensível e arguto nas observações, pois conseguiu ver os problemas ligados ao acontecimento, numa perspectiva de conjunto de nossa mascarada realidade e não como fenômeno isolado. Mesmo assim, a força do imobilismo, aliada a desvios ópticos convenientes e/ou inconscientes, continuou a manter o carro atrelado ao passado.

A partir da década de 1870, em principio com a "Escola do Recife" e depois em sentido mais geral, o Brasil conheceu as idéias filosóficas e científicas que gozavam de grande voga na Europa. Assim, entramos um pouco tangencialmente pela esfera do positivismo que era cultivado com grande estardalhaço entre nós, mas de maneira superficial. Nessa direção, surgiram adeptos de Comte, considerado por Euclides da Cunha "o mais robusto pensador do século", preocupados com a aplicação aqui dos princípios de sua filosofia a que se desenvolve, paralelamente, ainda que apenas no plano teórico, uma crença radical nas conquistas da ciência, fórmula viável de encontrar para o homem a solução de seus graves problemas. Será fácil surpreender na obra de Euclides da Cunha reflexos do positivismo em que êle acreditou.

Ao mesmo tempo, chegam até nós também os ecos de evolucionismo spenceriano bem como a teoria de Taine sôbre raça, meio e momento histórico, que ressaltam das obras produzidas no correr dos últimos tempos do século passado e início dêste. Aliás, Euclides da Cunha foi seduzido por êsses componentes de ordem científica e filosófica sôbre que se arma sua obra.

Podemos ver, assim, que também no campo das idéias, a que se incluíam os inícios de antropologia e da sociologia como ciências, o que refletíamos eram elaborações de fora, fecundadas com base em realidades diferentes da nossa, dentro de outras perspectivas e objetivos diversos, em oposição aos nossos como bem mostrou Clóvis Moura na *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha*. Dessa posição, derivam contradições inconciliáveis entre êsse modo de enfocar a realidade e a própria realidade interna, uma vez

que esta era desconhecida e diversa nos seus problemas, daquela em que se estribavam os tratadistas europeus para formular suas teorias. Estamos, por conseguinte, nessa área de estudos e conhecimentos, em situação idêntica à da literatura que se fazia na época: dois planos distintos e contrapostos a se defrontarem. Este aspecto transpira com vibração incontida da obra de Euclides da Cunha, quando colocada em face da problemática que não cabia dentro dos limites, dos princípios e da ciência em que se formara êle e estampa a fundo as contradições do processo histórico brasileiro.

Politicamente, saíamos da Monarquia para a República, de que Euclides da Cunha foi adepto convicto. Mas a mudança trouxe momentos de instabilidade mal escondidos e uma oscilação de mandos com disputas internas entre os partidos, que ajudava a desviar a atenção dos problemas mais angustiantes para causas políticas ou posições pessoais. Um dos homens mais discutidos dos primórdios da república, Floriano Peixoto, é visto de modos diversos por dois grandes espíritos da época. Denegrido e ironizado por Lima Barreto, recebe de Euclides a admiração de quem acreditava em sua ação política.

Tudo isso põe a nu um quadro confuso em que repontam contradições de toda a natureza e onde a causa primeira da conturbação geral fica escondida nos meandros interditos à observação superficial: a economia definhante e a desvalorização continuada da moeda, arrastando após si um mundo de tumultos provocados por conservadores, atreitos aos seus bens e privilégios, e um grupo progressista com vistas mais largas e abertas para uma realidade que apresentava novos componentes sociais.

Nesse quadro geral é que aparece e se afirma a obra de Euclides da Cunha, porque punha a descoberto o mundo que, apesar de nosso, era tão desconhecido como se fôsse noutro hemisfério. Mas o punha com força, convicção e amor pelas coisas que nêle observou, traçando um retrato de nacionalismo sadio. De fato, nêle observou as forças componentes do País no sentido mais lato possível, buscando alcançar os fundamentos da nacionalidade e sua unidade, pois viu e retratou a terra, o homem e seus traços peculiares, suas tradições costumes e hábitos, evidenciando compreensão da "alma nacional". Sem o pessimismo de Paulo Prado, fêz o "retrato do Brasil", de suas grandezas e misérias, onde ressalta o desvinculamento dos homens ao curso natural de nossa história.

É nesse sentido que vamos examinar o nacionalismo aberto de Euclides da Cunha, vendo em que medida êle sentiu o País, como o sentiu e as contribuições que trouxe para reavaliá-lo, indicando e delatando os males que afetavam sua estrutura, marcada por profundo divórcio entre brasileiros que se ignoravam como se fôsem povos diferentes a viverem na mesma terra.

Nada melhor, por essa razão, do que partir de palavras do próprio escritor, quando traduz seu conceito de nacionalismo:

“Somos adversários do nativismo sentimental e irritante, que é um erro, uma fraqueza e uma velharia contraposta ao espírito liberal da política contemporânea. A este pseudo patriotismo, para o qual Spencer, na sua velhice melancólica e desiludida, criou a palavra “diabolismo”, deve antepor-se um lúcido nacionalismo, em que o mínimo desquerer ao estrangeiro, que nos estende sua mão experimentada, se harmonize com os máximos resguardos pela conservação dos atributos essenciais de nossa raça e dos traços definidores da nossa *gens* complexa, tão vacilantes, ou rarascentes na instabilidade de uma formação etnológica não ultimada e longa. E ainda quando nos turbasse um esmaniado jacobnismo, todo êle ruiria ao defrontar o quadro da imigração no Brasil: homens de outros climas que aqui se nacionalizam consorciados com a terra pelos vínculos fecundos das culturas.”

(*Contrastes e Confrontos*, p. 219/220).).

A despeito das restrições que se podem fazer à idéia da raça, englobadora de outros aspectos menos determinantes, estamos diante duma lúcida colocação do problema nativo, sem a paixão irritante e inútil do homem que costuma bater ao peito ou gritar ao quatro ventos seu amor negativo da pátria. Na verdade, Euclides da Cunha defende apenas os elementos essenciais que caracterizam nossa gente e devem ser preservados, porque determinantes de nosso modo de ser particular. No momento em que o escritor toma essa posição, está definido seu ponto de vista que se estriba na consubstanciação dos elementos populares, porque estes, de fato, é que traduzem a essencialidade do homem brasileiro, se bem que ainda em processo formativo.

Em face da época, sua obra, já dissemos, reponta como algo de insuspeitado e de extraordinário acontecimento, pois escapava a tudo o que se estava acostumado a ver e entrava para o desconhecido mundo brasileiro, deixando-nos estarecidos diante duma realidade tão brasileira quanto ignorado ou escamoteado. Foi por isso que teve a força dum libeto e a originalidade de ver-nos sem adornos e ornamentos empanadores de seu mais profundo significado humano, histórico, social e artístico.

Embora refletindo em muitos pontos o momento histórico em que se formou, pulsa de sua veia o poder comunicativo dum escritor original. Euclides da Cunha como homem de seu tempo, mas com as vistas abertas à realidade, não podia fugir à contingência dos elementos culturais que dominavam o panorama brasileiro de fins do século passado. Na sua obra, sem grandes pesquisas ou exames mais demorados, deparamos fatos que indicam uma formação positivista, uma crença nas ciências, representada num grau bastante elevado. Veja-se, por exemplo, a preocupação geográfica e geológica, na caracterização da terra brasileira; a constante testemunha dos grandes nomes da época; a preocupação racial, denunciadora das teorias da superioridade racial; a presença do evolucionismo spenceriano, a recorrência aos ensinamentos

históricos e outras influências menos marcantes. Dessa posição decorre a vibração de seu espírito que observava a realidade e via a incomunicabilidade entre os elementos teóricos em que se formou e uma realidade brasileira que se não quadrava dentro daqueles princípios. Pois suas explicações de ordem geral esbarravam de encontro a fatos que a desmentiam ou colocavam em face de aspectos que a punham em desequilibradora situação. É que acostumado a ver a realidade dum prisma geral e teórico, não podia suspeitar que o quadro brasileiro apresentasse os terríveis problemas que depois veio a testemunhar e os acontecimentos de que teve de participar. Nessa direção, se descortina seu sentido de nacionalidade, pois à medida que conhece o Brasil, com seus complexos problemas e dramas, transporta-os para uma obra, muito mais artística, da qual participa intensamente o Autor, que para obra de ciência, de pura observação e análise.

Foi assim que percebeu como constituíamos uma terra inteiramente desconhecida de nós próprios, sempre voltados para a sedução da velha Europa, ou encravados à beira mar, levando às últimas conseqüências a afirmativa de frei Vicente do Salvador, de que éramos "caranguejos à arranhar o litoral", sem conhecer o interior, pois

"vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrabatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um têrço de nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respingando em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências de nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos..." (*Os Sertões*, p. 205).

Era preciso conhecer bem nosso processo histórico para sentir o choque violento que produzia êsse desmembramento do Brasil entre um grupo com tinturas de civilização e outro esquecido e ignorado; entre um grupo que de uma ou outra maneira acompanhava de longe o evoluir das coisas e a elas procurava adaptar-se e outro parado no tempo como se tudo continuasse no mesmo pé. Trazê-los até a civilização era questão proposta por Euclides da Cunha.

Essa defasagem reponta com mais vigor de sua obra, quando os expedicionários da campanha de Canudos entram para o sertão, com a mais profunda ignorância do que êle era:

“Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo do nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pintoresca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria.

Além disso, a missão que ali os conduzia frisava, mais fundo, o antagonismo. O inimigo lá estava, para leste e para o norte, homiziado nos senfins das chapadas, e no extremo delas, ao longe, se desenrolava um drama formidável.

Convinha-se em que era terrivelmente paradoxal uma pátria que os filhos procuram armados até os dentes, em som de guerra, despedaçando as suas estranhas a disparos de Krupps, desconhecendo-a de todo, nunca a tendo visto, surpreendidos ante a própria forma da terra árida, e revolta, e brutal, esvurmando espinheiros, tumultuando em pedregais, esboroando em montanhas derruidas, escancelada em grotões, ondeando em tableiros secos, estirando-se em planuras nuas, de estepes...

O que ia fazer-se era o que haviam feito as tropas anteriores — uma invasão— em território estrangeiro”. (*Os Sertões*, p. 521).

Essa triste constatação, vista como ameaça à unidade da nação, além de apontar um homem preocupado com os graves problemas que afetam o país, não se põe como elemento gratuito ou isolado, pois em *A Margem da História* se coloca de modo semelhante o mesmo fato:

“Era o crescente desequilíbrio entre os homens do sertão e os do litoral. O raio civilizador, refrangia na costa. Deixava na penumbra os planaltos. O maciço de um continente compacto e vasto talhava uma fisionomia dupla à nacionalidade nascente. Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do mar, restariam ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aqueles rudes patriícios perdidos no insulamento das chapadas.” (p. 262).

A coragem de apontar a existência desses desníveis, de maneira firme e dura, faz de Euclides o homem do momento no Brasil. Ele trazia para os brasileiros o Brasil que desconhecíamos e desmistificava aquela imagem do

paraíso, eternizada por uma literatura feita acidentalmente no Brasil, mas voltada inteiramente para fora de nossos quadros. Com Euclides da Cunha, ingressamos no conhecimento do país, pois ele abre as portas para a visão do "paraíso abandonado", mostrando as distorções que sofria um processo histórico, principiado sob os auspícios duma orientação torta e jamais corrigida, porque satisfazia a pequenos grupos a que não interessava nenhuma modificação do sistema. Os males procedem, segundo a visão do Autor, do velho egregado colonial, desde sempre prêso ao litoral aonde lhe chegam os benefícios de seus domínios:

"Prêso ao litoral, entre o sertão inabordável e os mares, o velho agregado colonial tendia a chegar aos nosso tempo, imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida, realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha." (*Os Sertões*, p. 81).

O escritor tem uma aguda consciência ao apontar um dos mais graves defeitos de nossa formação. Assim, começamos a vida como país jovem, sob a tutela duma moral decrépita, que ressaltou uma das contradições mais violentas de nossa realidade humana, levando Alceu Amoroso Lima à afirmação de que somos um jovem país de velhos, querendo com isto significar que iniciamos nossa vida com o peso duma moral ruída e pejada de defeitos e vícios, provenientes da velha Europa.

Para sua época, Euclides da Cunha teve antevistas notáveis no perceber a existência desses assoberbantes problemas que viriam a constituir a base da literatura do Modernismo, quase toda voltada para eles, em busca desesperada de nossas raízes, do drama do homem que morria nos sertões à mingua e ao desamparo. Com um pouco mais de visão, de boa vontade talvez, os homens de seu tempo poderiam ter iniciado a erradicação dos males e evitado as convulsões que se vêm agravando cada vez mais. Ocorre, todavia, que a facção dominante não podia sequer pressentir a existência desses problemas, quanto mais equacioná-los ou tentar resolvê-los, pois

"a nossa evolução, por ser estritamente política, era problemática. Pelo menos ilusória. Estava numa minoria educada à européia. O resto jazia no ponto em que o largara a metrópole, obscuro e dúbio amálgama proteiforme de brancos, pretos e amarelos..." (*A Margem da História*, p. 268).

Essa formação de fora para dentro, vista com propriedade por Euclides da Cunha, era o impedimento maior à percepção dos problemas aqui existentes. Já destacamos o fato quando abordamos os aspectos da literatura que se conheceu aqui na mesma época. Noutras esferas ocorria fenômeno semelhante; os homens estavam desenraizados do país, por isso não o conhe-

ciam nem podiam conhecê-los, já que viviam tutelados por uma cultura de empréstimo, longe dos quadrantes em que se processava o curso real dos acontecimentos e se perpetuava a indiferença pelo país, e

“Dêste perene conflito feito num círculo vicioso indefinido, resalta a significação mesológica do local. Não há, abrangê-la em tôdas modalidades. Escasseiam-nos as observações mais comuns, mercê da proverbial indiferença com que nos volvemos às causas desta terra, com uma inércia cômoda de mendigos fartos.” (*Os Sertões*, p. 26).

Assim, marginalizados ou relegados ao abandono, os rudes sertanejos descreviam uma história diferente do resto do Brasil, atuando à sua maneira, permaneciam culturalmente em épocas remotas, como se vivessem outras plagas. Sem orientação e sem amparo, perpetravam os crimes de tornar mais hostil e nefasta a terra em que permaneciam acuados pelos seus flagelos periódicos, pois, à sua aridez, somava-se o papel destruidor do homem que a tranmutava inconscientemente para pior:

“Esqueçamo-nos, todavia, de um agente geológico notável — o homem.

Este, de fato, não raro reage brutalmente sôbre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos.

Começou isto por um desastroso legado indígena.” (*Os Sertões*, p. 53).

É que o mal é antigo. Colaborando com os elementos meteorológicos, com o noroeste, com a sucção dos estratos, com as canículas, com a erosão eólica, com as tempestades subitâneas — o homem fêz-se um componente nefasto entre as forças daquele clima demolidor. Se o não criou, tranmutou-o, agravando-o. Deu um auxiliar à degradação das tormentas, o machado do catingueiro; um supletivo à insolação, a queimada.

Fêz, talvez, o deserto. Mas pode extingui-lo ainda, corrigindo o passado. E a tarefa não é insuperável.” (*Os Sertões*, p. 56).

Veja-se que o Autor não é um denunciante gratuito, pois acompanha-o elementos positivos quando indica os males mas tem a cautela de admitir maneiras de solução, mostrando atitude construtiva diante dos fatos. Nessa posição repousa, para mim, uma face de seu comportamento nativista ou de amor à terra que êle viu desmembrando-se e sendo levada inconscientemente ao desastre que agravava cada vez mais a situação do hoje polígono

das sêcas. O equacionamento dêsses problemas implicava em mudança dos esquemas tradicionais e isso seria difícil porque não havia meio, como de certo modo ainda não há, de furar o bloqueio imposto pelo nosso "feudalismo tacanho", no dizer sugestivo do próprio Euclides.

Com suficiente inteligência e sensibilidade e o que é mais importante, com vivência da realidade, foi capaz de perceber a luta surda de um mundo ignorado e criminosamente vilipendiado, em que repontava ainda a servidão no seu sistema mais antigo. É o que explica a vibração do escritor quando imerso nesse mundo, vendo-o no seu evolver e não imaginando-o à distância. Jogando sempre com os "contrastos e confrontos", põe a nu o angustiante sistema de relações e trabalho, adotado ao norte, fazendo a oposição aos métodos adotados no sul do país, a partir das cúpulas de mandatários e proprietários senhoriais:

"O mesmo não acontece ao norte. Ao contrário do estancieiro, o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vêzes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos.

Graças a um contrato pelo qual percebem certa percentagem dos produtos, ali ficam, anônimos — nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra — perdidos nos *arrastadores* e *mocambos*; e cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem.

O verdadeiro dono, ausente, conhece-lhes a fidelidade sem par. Não os fiscaliza. Sabe-lhes, quando muito, os nomes.

Envoltos, então, no traje característico, os sertanejos encourados erguem a choupana de pau a pique à borda das cacimbas, rapidamente, como se armassem tendas; e entregam-se, abnegados, à servidão que não avaliam." (*Os Sertões*, p. 122).

Chega a impressionar a lucidez com que Euclides da Cunha vê êsses problemas e o perigo de manutenção do *statuo quo*, cuja manutenção poderia redundar em rupturas violentas, como veríamos mais tarde. Parece-me, aliás, que deparamos aqui com o núcleo central de que se utilizaria Graciliano Ramos para elaborar a figura tósca e rude de Fabiano, o bronco sertanejo de *Vidas Sêcas*, como já fez ver Antônio Cândido (1). Muito antes dos tempos modernos na Literatura Brasileira, Euclides da Cunha já divisou a instabilidade do sistema que tentavam perpetuar, a despeito da delação que o escritor fazia de maneira vigorosa e sem reboços, refugindo àquela

(1) Antônio Cândido — *Ficção e Confissão*, in prefácio de *Caetés*.

literatura nutrida de alimento europeu e completamente alheia de nossa vida e realidade.

Processo igual ou pior era o utilizado com o seringueiro do Amazonas, o homem que "trabalhava para se escravizar", num sistema de dependência e exploração tal que antes de iniciar-se na tarefa já se tornava um devedor insolvente e, portanto, condenado a permanecer eternamente jungido à terra em que trabalhava sem poder afastar-se.

Muito mais do que como simples observador, Euclides da Cunha timbra pelo traço humanista, pela participação no drama do homem desumanizado ou animalizado. transformado em juguete indefeso em mãos inescrupulosas. Não só percebe os problemas e sua complexidade, mas tem a coragem de delatá-los sem meias tintas. Dêste modo, confrontando a situação do homem brasileiro dos sertões e o estrangeiro que demanda nosso país, verifica que,

"Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova à mais remota fazenda de São Paulo, paternalmente assistindo pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratantes insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam em mais das vezes em devedor para sempre insolvente.

A sua atividade, desde o primeiro golpe da machadinha, constringe-se para logo num círculo vicioso inaturável: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la.

E vê-se completamente só na faixa dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto é pior que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho." (*A Margem da História*, p. 58/59).

Dessa vida de cilícios permanentes, para a qual não há nenhuma atenuante e onde a existência se esvai numa agonia lenta de condenado à perda das próprias características humanas, advém uma curiosa atitude de vingança de sua desgraça, encarnada no símbolo eterno do Judeu Errante, na contrafação popular do Judas de sábado de Aleluia: .

"Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovente do que o *parla!* ansiosíssimo de Miguel Ângelo; arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça de Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengoçada e sinistra o vulto do seu próprio pai.

É um doloroso triunfo. O Sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se afinal da ambi-

ção maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-a cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil e junjiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram." (*À Margem da História*, p. 90).

Ora, à medida que Euclides da Cunha vê e denuncia êsses problemas de maneira tão incisiva, com elevada dose de participação pessoal, revela, a meu ver, uma compreensão, incomum para a época, das distorções de nossa realidade e dos dramas do homem brasileiro. Posição de que sobressai o amor pelas coisas e pelo homem brasileiro e um entranhado e positivo nacionalismo que busca corrigir a imagem do paraíso, elaborado pelo espírito desconhecedor de nossa realidade. Esse fator, aliado a outros, como a visão a partir de modelos externos do país, pôs a coberto o mundo terrível que Euclides descortina a partir d'*Os Sertões* trazendo pela primeira vez na Literatura Brasileira a imagem real do País que ele viu, possibilitando o encaminhamento de soluções para seus problemas até então ignorados e também escamoteados.

Entre os problemas angustiantes em que se debatia o país estava também o da mistificação eleitoral. A vontade popular era imposta pelos interesses em jôgo, com a contribuição decisiva dos jagunços que decidiam os pleitos segundo a vontade dos mandantes poderosos. Euclides entreviu com argúcia e propriedade, a farsa e delatou com ironia chocante seu "modus faciendi":

"Muitas vêzes, diz o testemunho inânime da população sertaneja, tais expedições eram sugeridas por intuito diverso. Alguns fiéis abastados tinham veleidades políticas. Sobrevinha a quadra eleitoral. Os grandes conquistadores de urnas que, a exemplo de milhares de comparsas disseminados neste país, transformam a fantasia do sufrágio universal na clava de Hércules da nossa dignidade, apelavam para o Conselheiro.

Canudos fazia-se, então, provisoriamente, o quartel das guardas pretorianas dos Capangas, que de lá partiam, trilhando rumos prefixos, para reforçarem, a pau e a tiro, a soberania popular, expressa na imbecilidade triunfante de um régulo qualquer; e para o estraçoamento das atas; e para as mazorcas periódicas que a lei marca, denominando-as "eleições", eufemismo que é entre nós o mais vivo traço das ousadias da linguagem. A nossa civilização de empréstimo arregimentava, como sempre o fêz, o banditismo sertanejo." (*Os Sertões*, p. 194/195).

Veja-se com que aguda consciência Euclides da Cunha percebeu a transformação dêsse infeliz sertanejo em instrumento dúctil nas mãos dos poderosos

régulos da nossa política, atuando contra si próprios numa inconsciência dolorosa. Além disso, divisou com desassombro essa ingerência como traço alienígena, deturpando o próprio evoluer duma civilização que se injetava do que havia de pior nos elementos que tomava de empréstimo a outras civilizações.

O que cumpria ao escritor fazer, êle o fêz com energia e coragem pouco comum entre nós. Denunciou a existência desses problemas e os mostrou ao vivo com força e sentimento humano, indicando certos caminhos, corretos em seu modo de entender, como o de repatriar aquêles homens despatriados dentro de seu País. Por isso, entendia Euclides, que a Canudos se reservava missão mais elevada do que o simples querer eliminar os compatricios marginalizados pelo nosso sistema de vida.

“Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Tôda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, continua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aquêles rudes compatriotas retardatários.” (*Os Sertões*, p. 524/525).

Para Euclides, pois, a campanha deveria assumir um significado de importância mais nobre, conforme sua visão da realidade. Via-a como excelente oportunidade para corrigir alguns erros palmares em que insistíamos. Via-a como larga possibilidade de reintegrar o homem dos sertões no tempo e na civilização, como um dever inalienável e intransferível. Vê-se, pois, que para a época e mesmo para os dias atuais, revela uma abertura de espírito pouco rara. Ao ver e viver os problemas, o escritor participa ativamente e com a larga generosidade, oriunda da compreensão, percebe soluções mais dignas e humanas no movimento militar destinado, não à recuperação dos sertanejos marginalizados, mas à sua destruição inútil e criminosa. Aos erros, somava-se mais um erro, talvez sem o perceberem, sem condições de o perceberem, por carência duma visão mais lúcida e larga das coisas, por ignorância de nossa realidade.

Preocupado em perceber o sertanejo numa dimensão mais ampla, para compreendê-lo em sua complexidade humana, não escaparam ao escritor as peculiaridades definidoras de seu tipo e psicologia. Assim, observou nêle a tendência para amplificar os fatos e mitificá-los, dando nascimento e certas lendas; as tradições em que se criam e que constituem o extravasamento de particularidades típicas e características, porque projeção de seu próprio espírito, configurando o modo de vida; o traço místico determinante duma crença extravagante nas forças extra-humanas como fuga de seus desesperos e misérias; um sentido de fatalidade das coisas.

Já é bem conhecida a capacidade do sertanejo para o lendário, em obediência, com certeza, a uma necessidade imanente de explicar os fatos amplificados, em especial os tidos como heróicos; é uma espécie de compensação justificadora da grandeza oriunda das limitações da atividade em que se confina, por imposição ecológica. Os atos de bravura dos cangaceiros é uma página curiosa dessa transferência do que gostariam de fazer, mas não podem. É, por exemplo, o caso de José Amaro, personagem de *Fogo Morto* para quem o cangaceiro Antônio Silvino, divisando através duma aureola heróica, tem força suficiente para vingá-lo da prepotência dos poderosos. É um substituto de sua impotência para as ações. Num sentido geral, os cantadores dos sertões constituem verdadeira fonte de transformação de homens em heróis, quando recompõem os fatos nos cantares aumentativos de suas proporções.

Euclides percebeu muito bem esses componentes da psicologia do sertanejo, entreando-os nos próprios combates de Canudos:

“Mas a luta sertaneja começara, naquela noite, a tomar a feição misteriosa que conservaria até o fim. Na maioria mestiços, feitos da mesma massa dos matutos, os soldados, abatidos pelo contra-golpe de inexplicável revés, em que baqueara o chefe reputado invencível, ficaram sob a sugestão empolgante do maravilhoso, invadidos de terror sobrenatural, que extravagantes comentários aumentavam.

O jagunço, brutal e entroncado, diluía-se em duende intangível. Em geral os combatentes, alguns feridos mesmo no recente ataque, não haviam conseguido ver um único; outros, os os da expedição anterior, acreditavam, atônitos e absortos ante o milagre estupendo, ter visto, ressurrectos, dois ou três cabecilhas que, afirmavam convictos, tinham sido mortos no Cambaio; e para todos, para os mais incrédulos mesmo, começou a despontar algo de anormal nos lutadores-fantasmas, quase invisíveis, ante os quais haviam embatido impotentes, mal os lobrigando, esparsos e diminutos, rompendo temerosos dentre ruínas, e atravessando incólumes os braseiros dos casebres em chamas.” (*Os Sertões*, p. 347/8).

Desenhava-se o traço identificador do sertanejo, que Euclides soube perceber como ativo participante da atividade psicológica do sertanejo e verdadeiramente um dos móveis de sua conduta. O escritor intuía o mundo interior do homem rudimentar que fugia da realidade nas asas da superstição. Começávamos com êle a conhecer a gente que habitava os sertões, abrindo caminho para compreendê-lo e reincorporá-lo à nossa vida, sem contudo tirar-lhe as peculiaridades sintetizadoras de sua vida ou destruir-lhe as tradições mais caras.

Sem ferir seu mundo verdadeiro, que é o que se arma sôbre essas particularidades que definem e identificam um povo.

Já falamos do processo aumentativo da dimensão dos fatos que caracteriza o cantador ou o narrador dos sertões a imprimir-lhe sempre um cunho de grandeza que ultrapassa os limites do real. Veja-se como Euclides apanha bem seus elementos constitutivos:

“Tôdas as histórias, ou lendas entretidas de exageros, segundo o hábito dos narradores do sertão, em que eram muita vez protagonistas os seus próprios parentes, eram-lhe entoadas em tórno evidenciando-lhe sempre a coragem tradicional e rara.” (*Os Sertões*, p. 160).

Foi através de processos semelhantes ou iguais que se criou o mito da predestinação do Conselheiro, pois dados os antecedentes complicados e desconhecidos na sua vertente mais pura, sua vida principiou a adquirir traços especiais e sôbre-humanos que lhe emprestavam os sertanejos. Como diz Euclides, a partir de certo momento

“A imaginação popular, como se vê, começava a romancear-lhe a vida, com um traço vigoroso de originalidade trágica.” (*Os Sertões*, p. 166).

Na mesma linha de comportamento, o Autor chega à valorização das tradições sertanejas, dedicando-lhe páginas em que elas passam envôltas de carinho e amor, quando o escritor sente pulsar a alma rude e poética da gente sertaneja através de seus hábitos e costumes:

“Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas rêdes bamboantes, relatando as peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam as horas matando, na significação completa do têrmo, o tempo, e desalterando-se com a *umbusada* saborosíssima, ou merendando a iguaria oncomparável de gerimum com leite.” (*Os Sertões*, 129).

“Nem todos, porém a compartilhem. Baldos de recursos para se alongarem das rancharias, agitam-se, então, nos folguedos costumeiros. Encourados de nôvo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, famanazes no desafio, sobressando os machetes, que vibram no *choradinho* ou *baião*, e os casados levando tôda a *obrigação*, a família. Nas choupanas em festa recebem-se os convivas com estrepitosas salvas de rouqueiras e como em geral não há espaço para tatos arma-se fora do terreiro varrido, revestido de ramagens, mobiliado de cepos, e troncos, e raros tamboretas, mas imenso, alumiado pelo luar e pelas estrêlas; o salão

do baile. *Despontam o dia* com uns largos tragos de aguardente a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (*Os Sertões*, p. 130).

Essa incursão pelos costumes populares aflora de sua obra num ato consciente do valor que encerram e da necessidade de preservá-los. Traz, além disso, os primeiros elementos positivos para o estudo desses compatriotas, participantes dum Brasil ignorado, graças às causas que já indicamos. Assim, Euclides descortina para nós a alma rude, simples e sofrida do sertanejo que se volta com a mesma naturalidade para o crime, como para uma forma extravagante de misticismo. Euclides da Cunha percebeu com bastante nitidez essa curiosa dicotomia no indivíduo que segue com firme disposição de crença as esperanças doutra vida melhor, indicada pelo Conselheiro, ou com a mesma fé mata, como ato natural, em cumprimento de impulsos interiores que o movem, e meio único de fugir das opressões que o cercam. Esse traço messiânico chega mesmo à crença na volta de Dom Sebastião, numa feição brasileira do sebastianismo, ao analisar o problema no capítulo "Profecias" em *Os Sertões*.

À medida que se avança na leitura de sua obra máxima, sobressalta um fato curioso. Euclides se nutre de afeição e mesmo de admiração pelos jagunços ou pelos lutadores de Antônio Conselheiro, a tal ponto que passa a ver com simpatia a sua resistência heróica e a bravura incomparável daqueles homens que, sujeitos a todos os sofrimentos e privações, defendiam a triste cidadela de Canudos, já que

"os sertanejos invertiam tôda a psicologia da guerra: enrijavamos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota. Ademais entalhava-se o cerne da nacionalidade. Atacava-se a a fundo a rocha viva da nossa raça." (*Os Sertões*, p. 597).

De fato, entalhava-se o cerne da nacionalidade, graças à visão que Euclides da Cunha teve da realidade que observou e à força com que conseguiu transferi-la para a literatura numa obra que se constituiu num marco extraordinário. Duma literatura frouxa e pouco brasileira, derivamos para outro plano, com sua obra abrindo firme caminhos mais próprios e destinos mais significativos e representativos. Se não foi apenas ele, foi dos que mais decisivamente contribuíram para a iniciação duma literatura voltada para o Brasil, por ele descortinado, no mesmo ano em que Graça Aranha, a seu modo e com menor força, colocava problemas parecidos.

Esse contributo inestimável para o conhecimento da realidade brasileira é para mim o grande momento dum nacionalismo positivo. Nascia a partir do conhecimento do mundo que nos rodeava, sem a ele integrar-nos, mas de que tínhamos de fazer parte por força das coordenadas históricas que orientavam nossos destinos como país nascente. Esse nacionalismo vive na ima-

gem daquelas vítimas incoseqüentes, num país que as desconhecia por inteiro em virtude da visão distorcida e do desfoque inicial. Subsiste no amor com que viu as vítimas de nossa inconsciência e da coragem com que delatou os fatos.

O seu nacionalismo se mede pela aguda visão que teve de nossos problemas, denunciados com voz forte e afeto a partir do convívio com uma realidade não apenas desconhecida mas principalmente mistificada. Por isso se reveste de rara grandeza, pois foi haurido da vivência com os problemas que ainda hoje afetam a vida brasileira; porque é o testemunho honesto de um homem inteligente e não o nacionalismo do bater no peito e gritar vivas ao País.

BIBLIOGRAFIA:

1. Cunha, Euclides da — *Contrastes e Confrontos*. Pôrto, Lello e Irmão, 6.^a ed. s/d.
2. Idem — *A margem da História*. Pôrto, Lello e Irmão, 1946.
3. Idem — *Os Sertões*. Rio, Francisco Alves, 12.^a ed. 1933.

